



REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

VOL. 06, Nº 1 - 1º SEMESTRE - 2021

ISSN 2448-1793

DOSSIÊ IMAGENS
AUTO/BIOGRÁFICAS
NA HISTÓRIA E NA
PRÁTICA ARTÍSTICA



Artigos

OUTROS

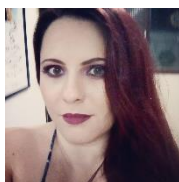
O BATISMO ESPIRITUAL DE BRASÍLIA (1957) E SUAS PROJEÇÕES MÍSTICAS

BRASÍLIA'S SPIRITUAL BAPTISM (1957)
AND ITS MYSTIC PROJECTIONS

<https://doi.org/10.5281/zenodo.4818393>

Envio: 16/10/2020 ♦ Aceite: 14/02/2021

Pepita de Souza Afiune



Doutoranda em História pela Universidade Federal de Goiás, na linha de pesquisa: Fronteiras e Interculturalidades. Bolsista CAPES/FAPEG. Mestra em Ciências Sociais e Humanidades, na área de concentração: Expressões Culturais no Cerrado, pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Graduada em História e Pedagogia. Especialista em Tecnologias em Ensino a Distância. Desenvolve pesquisas sobre Misticismo no Planalto Central Brasileiro, Interculturalidades, Orientalismo, História da Arte, Cinema e História, Jogos digitais e História. Experiência profissional na docência na educação básica, superior e tutoria na EAD.

RESUMO

O artigo tem como objetivo debater a respeito do episódio considerado importante na História de Brasília conhecido como o 'Batismo Espiritual' ocorrido no ano de 1957, antes de sua inauguração. Percebemos a importância da religião no âmbito deste projeto utópico e modernista, mostrando que modernidade e religião não são antônimas. Esse aspecto espiritualizado da construção de Brasília posteriormente se pluraliza, tomando uma proporção maior, alcançando outras religiosidades além da católica, como o espiritismo e mais tarde os novos movimentos religiosos ou místicos. Assim, Brasília nasce pautada em preceitos divergentes dos ideais fundadores de Goiânia, capital já consolidada naquele momento, por isso, acreditamos ser necessário realizar um debate entre os contextos históricos de ambas as capitais. Esse debate possui o objetivo de entender que apesar de ambas as capitais estarem pautadas nos preceitos modernistas, Brasília foi construída em um período de determinadas turbulências sociais, culturais e políticas que estavam ocorrendo na década de 50.

PALAVRAS-CHAVE: Brasília. Goiânia. Modernismo. Religiosidades. Misticismo.

ABSTRACT

The article aims to debate about the episode considered important in the History of Brasilia known as the 'Spiritual Baptism' that occurred in 1957, before its inauguration. We perceive the importance of religion in the context of this utopian and modernist project, showing that modernity and religion are not anonymous. This spiritualized aspect of the construction of Brasilia later became pluralized, taking on a larger form, reaching other religions besides Catholic, such as spiritism and later the new religious or mystical movements. Thus, Brasilia was born based on diverging precepts of the founding ideals of Goiânia, capital already consolidated at that moment, therefore, we believe it is necessary to hold a debate between the historical contexts of both capitals. This debate has the objective of understanding that although both capitals are guided by the modernist precepts, Brasília was built in a period of certain social, cultural and political turbulences that were occurring in the 50s.

KEYWORDS: Brasília. Goiânia. Modernism. Religiosity. Mysticism.

INTRODUÇÃO

Nos primeiros momentos da concretização da nova capital brasileira, a religiosidade foi um elemento importante no imaginário utópico que já mostrava suas faces desde o século XIX.

Juscelino Kubitschek (2000) em sua autobiografia²⁴ relata que desde os primeiros momentos da construção de Brasília até a sua inauguração, todos empenhavam-se trabalhando arduamente. E o faziam não porque eram obrigados ou porque não possuíam outra opção, mas por espírito de cooperação. O ex-presidente afirmou que: “Era a ‘mística de Brasília’, que atuava no espírito daqueles milhares de pioneiros” (p. 365).

JK descreve também que após estabelecer as bases materiais e humanas da cidade, seria necessário proporcionar às pessoas um conforto espiritual, e para isso, seria realizada a Primeira Missa. A data de sua realização deveria ser próxima do dia em que se recorda a missa realizada pela excursão de Pedro Álvares Cabral, por sua vez, ocorrida no dia 26 de abril de 1500 no litoral sul da Bahia.

A primeira missa que ocorreu no Brasil assinalava o descobrimento da Nova Terra, e a missa realizada em Brasília, marcaria a posse do território. Dessa forma, ocorreu o episódio conhecido como o “Batismo Espiritual de Brasília” no dia 03 de maio de 1957, que reuniu mais de 15 mil pessoas.

O episódio foi importante no processo de efetivação do projeto de Brasília, considerado utópico e ousado para a época. Era necessário que seus empreendedores se cercassem dos vários apoios dos segmentos influentes em Goiás na década de 50, como a religião, e para isso JK não mediu esforços, mantendo relações íntimas com a Igreja Católica, Evangélica e Espírita. Percebemos que a religião angariou força dentro do projeto modernista de Brasília, como iremos problematizar adiante.

Para compreendermos o contexto histórico da construção de Brasília, julgamos ser necessário debater a respeito das diferenças entre as consolidações de Brasília e sua

²⁴ O Senado Federal publicou o livro *Porque construí Brasília* (2000) no aniversário de 40 anos da cidade, que se constitui em uma autobiografia do ex-presidente JK.

irmã mais velha, Goiânia, para compreendermos que contextos históricos e políticos divergentes ocasionaram uma diferença identitária entre ambas. Isso não significa que ambas não tenham suas semelhanças, já que nasceram pautadas nos preceitos modernistas.

Inicialmente havia a disputa entre Brasília e Goiânia pelo protagonismo da modernidade em solo goiano, já que “Goiânia é um pedaço de modernidade, cravado no sertão goiano” (CHAUL, 2015, p. 11). Goiânia também surgiu dentro de discussões contrárias à sua efetivação, protagonizando turbulências utópicas e projetos políticos intervencionistas. Goiânia era um divisor de águas na história de Goiás entre o velho e o novo, e para Nasr Fayad Chaul, foi o argumento do progresso que sustentou a efetivação da mudança da capital. Da mesma forma que Brasília era celebrada como um oásis de aço e vidro em meio ao Cerrado, Goiânia era a “modernidade na selva” (*ibidem*, p. 19).

Para desenvolver estes debates, metodologicamente iremos empregar fontes como autobiografias, relatórios da construção de Brasília, discursos, bibliografias dos historiadores de Brasília, teses e dissertações, e a literatura místico-esotérica.

AS BASES ESPIRITUAIS DO PROJETO DA NOVA CAPITAL

JK nasceu em berço católico, e durante sua empreitada em Brasília procurou manter uma diplomacia entre as congregações cristãs, estimulando a comunicação entre todas, convidando as igrejas evangélicas a participarem da fundação da nova capital. JK recebeu a visita de três pastores evangélicos – John Miller²⁵, Ricardo Venderos e Stephen Sloop – que o presentearam com uma Bíblia. O pastor Elias Brito Sobrinho, de Anápolis, foi o responsável pela Primeira Igreja Batista de Brasília, em 1957. No

²⁵ Magalhães (2010, p. 220) acrescenta que o pastor John Miller foi dos Estados Unidos para Brasília com a missão de criar núcleos evangélicos presbiterianos, como o resultado de sua decepção com o imperialismo norte-americano, principalmente a partir dos traumáticos episódios de Hiroshima e Nagasaki. Ele acreditava desta forma que a América do Sul era uma região promissora. Antes de chegar a Brasília, o pastor passou um tempo no Rio de Janeiro e em São Paulo, adequando-se à cultura brasileira, até aventurar-se pelo sertão, local que lhe representava grande desafio, por contrapor-se a toda modernidade a qual ele estava acostumado, afinal, foi no ano de 1950 que ele chega pela primeira vez em solo planaltino.

mesmo ano, o padre salesiano Roque Valiatti Baptista inaugura a Igreja de Dom Bosco e o padre Primo Scusollino funda a Paróquia de Nossa Senhora Aparecida. Aos domingos, estas três igrejas foram o marco da religiosidade na vida dos fiéis e trabalhadores de Brasília. Inclusive, o padre Roque e o pastor Elias que eram os representantes das duas correntes religiosas mais representativas daquele momento, se tornaram grandes amigos procurando promover uma boa relação entre ambos os grupos religiosos (Vasconcelos, 1989, p. 137 - 139).

Ernesto Silva (1971) relata que o Plano Piloto de Lúcio Costa previa diversos locais para a instalação das igrejas. Mas havia uma demanda muito grande partindo de grupos cada vez mais heterogêneos. A Igreja Católica reivindicava grande parte destes terrenos, mas outras denominações, como os protestantes, os ortodoxos, judeus e anglicanos também entravam nessa competição. Lúcio Costa precisou repensar partes de seu projeto, e em 1959 a NOVACAP reservou na Avenida W-4 áreas de 15.000 metros quadrados para a construção dos conjuntos paroquiais, satisfazendo os desejos da Igreja Católica. Esse ato foi muito representativo em prol da espiritualidade da nova cidade, como podemos perceber no telegrama de Dom Fernando Gomes, arcebispo de Goiás:

Ao ensejo da assinatura, entre a NOVACAP e a Arquidiocese de Goiânia, da escritura de doação das áreas destinadas aos Centros Paroquiais e de opção da compra para Colégios Religiosos, quero expressar a V. Revma. o meu entusiasmo e a certeza de que, com a união de todos os cristãos de boa vontade, poderemos construir a BRASÍLIA ESPIRITUAL, que sustentará a BRASÍLIA MATERIAL²⁶ que ora se ergue[...] (SILVA, 1971, p. 203).

A celebração da Primeira Missa de Brasília contou com a presença de um grupo de cerca de 20 índios carajás, que por sua vez, expressaram seu contentamento no momento solene com um brado. O *Correio da Manhã* em sua edição de 04 de maio de 1957 relatou o fato:

[...] ambas as orações foram coroadas por gritos prolongados. Não era vaia, pelo contrário. Vinte índios carajás, trazidos da selva por aviões da FAB para servir de traço de união entre a missa celebrada em 1500 por frei Henrique de Coimbra e a de Brasília, expressavam seu contentamento (CORREIO DA MANHÃ, 1957).

²⁶ Grifos do autor.

A matéria ainda relata que os carajás presentearam Juscelino Kubitschek com flechas, arcos e cocares, e que o ex-presidente chegou a colocar na cabeça um cocar de penas de garça. O discurso do jornal faz uma menção à Primeira Missa no Brasil, que foi retratada pelo artista Vitor Meirelles em sua obra *A Primeira Missa no Brasil* (1861), que por sua vez chegou a ser exposta em Brasília em uma exposição itinerante no mês de julho de 2012.

A tela é carregada de uma ótica cristã europeia que enxerga o momento da missa, com a presença “exótica” dos indígenas, ressaltando uma visão colonizadora. Temos desta forma, uma relação entre a Primeira Missa em Brasília (Figura 1) com a tela do artista acadêmico Vitor Meirelles (Figura 2), um momento em que a “civilização” desbrava os caminhos desconhecidos, assim como os concretizadores de Brasília pregavam que estavam trazendo as “luzes” da modernidade para o sertão. Hagihara (2011) nos diz que a tela de Vitor Meirelles e o Projeto do Plano Piloto de Lúcio Costa são dois momentos de redescoberta do Brasil.

Mesmo que de formas distintas, a reinvenção do mito fundador aparece no imaginário das elites em momentos históricos decisivos. No caso da reinvenção do Brasil na era JK, o mito torna-se visível através da construção de uma cidade em forma de cruz. A associação desse ícone ao significado da tomada de posse aparece como exemplo paradigmático de rememoração e recriação simbólica da tradição brasileira (p. 47).

Figura 1 – A Primeira Missa de Brasília (1957)



Fonte: Adirson Vasconcelos (1989)

Figura 2 – A Primeira Missa no Brasil (1861), Vitor Meirelles



Fonte: Instituto Brasileiro de Museus (2012).

Disponível em: <http://www.museus.gov.br/a-primeira-missa-no-brasil-de-victor-meirelles- chega-a-brasilia-para-exposicao/>

Juscelino Kubitschek (2000, p. 33) em sua autobiografia relata que a cruz utilizada na missa era reverenciada como uma relíquia e que ela representava a pedra fundamental da cidade, balizando um marco histórico. A imagem de Nossa Senhora Aparecida foi levada de São Paulo, percorrendo todo o Brasil, passando por todos os Estados, representando a integração nacional, até chegar a Brasília.

AS PROJEÇÕES MÍSTICAS DE BRASÍLIA

Um trecho do discurso de JK na solenidade do dia 21 de abril de 1960 evidencia traços místicos presentes em todas essas ações:

Quando aqui chegamos, havia na grande extensão deserta apenas o silêncio e o mistério da natureza inviolada. No sertão bruto iam-se multiplicando os momentos felizes em que percebíamos tomar formas

e erguer-se por fim a jovem cidade. [...] Somente me abalei a construí-la quando de mim se apoderou a convicção de sua exequibilidade por um povo amadurecido para ocupar e valorizar plenamente o território que a Providência Divina lhe reservara (JK *apud* VASCONCELOS, 2007, p. 79).

JK discursa a respeito de um “território garantido pela providência divina”, ideia essa que se tornou popular nos meios esotéricos. Um exemplo disso é a *Revista Dhânará* da Eubiose, que publicou as informações da solenidade, proclamou sua admiração por JK e a sua crença profética sobre Brasília:

[...] Felizmente, para todos os brasileiros, surgiu no cenário nacional a figura de Vossa Excelência, o homem Providencial que realizaria a imortal tarefa da terceira capital – BRASÍLIA – concretizando o nosso sonho, a esperança de milhões, de patrícios e completando, no cenário do século XX, aquilo que está escrito para milênios, no Livro da Eterna Sabedoria. Vossa Excelência, não medindo sacrifícios, não poupando energias, sem desfalecimentos, arrostando ainda a incompreensão, a injustiça e até a injúria, meteu ombros à Obra e construiu Brasília, a empresa do século – numa prodigiosa aventura que pode emular com as façanhas mitológicas do Hércules grego. [...] Quis o nosso Grão Mestre, professor Henrique José de Souza, que fosse Vossa Excelência a primeira personalidade a receber a consagração honorífica da nossa Ordem no seu mais alto grau: a GRÃ CRUZ, pelos notáveis serviços prestados ao Brasil, à Humanidade e ao Mundo, ao lançar-se à imortal empresa de BRASÍLIA. Desejamos que Vossa Excelência sinta, no ouro e nas pedras preciosas que ornaram esta condecoração, não o valor material de uma joia, mas o símbolo da gratidão e do reconhecimento de todos os brasileiros, de todos aqueles que, como nós, da SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA²⁷, antecipamos no tempo a semente que frutificará em BRASÍLIA, na certeza de que está inaugurada a jornada final que nos levará à meta da grandeza do Brasil, que queremos seja farol de luz intensíssima a iluminar os caminhos da paz, da fraternidade, da justiça e da liberdade para todos os povos do mundo (REVISTA DHÂRANÃ, 1960, p. 03 – 04).

A Eubiose é inspirada na Teosofia da médium russa Helena Blavatsky²⁸ e hoje se compreende como uma organização espiritualista. Em 1899 o baiano Henrique José

²⁷ Todos os grifos da citação foram feitos pelo autor.

²⁸ Nasceu em 1831 na Rússia, e durante a sua vida viajou por várias partes do mundo conhecendo várias escolas ocultistas, de preferência, as orientais e começou a demonstrar poderes paranormais. Foi responsável pela fundação da Sociedade Teosófica da qual, a Eubiose demonstra uma orientação direta no Brasil. Em 1873 foi para os Estados Unidos tornando-se

de Souza realizou uma viagem à Índia na qual recebeu os ensinamentos da Grande Fraternidade Branca, sendo incumbido da missão de trazer para o Brasil a sabedoria do Oriente. Acreditava se referir ao que Blavatsky disse em sua obra *Doutrina Secreta* (1888), sobre um homem que seria muito importante na humanidade e iria trazer do Oriente toda a sabedoria necessária para transformar a humanidade. Henrique José de Souza no ano de 1924 fundou a Sociedade Mental Espiritual no Brasil, que depois se transformou na Sociedade Brasileira de Eubiose. A Eubiose está sediada em São Lourenço-MG e possui filiais em outras cidades consideradas místicas, como Brasília.

De acordo o fundador da Eubiose, prof. Henrique José de Souza, de tempos em tempos existe um foco de evolução no mundo, que muda de uma região para outra. No atual momento, este foco estaria no Brasil, especificamente no seu centro. Seria o resultado de um movimento que viria de Oriente para Ocidente (TROMBELLI, s/d.). A *Revista Dhâranâ* (1960), em muitas das suas edições, analisou a importância de Brasília em um futuro próximo, cujo objetivo seria irradiar a paz e o protagonizar um novo ciclo sobre as suas ruínas materiais. Assim a Eubiose demonstra a suas interpretações numerológicas a respeito de Brasília:

Entremos no significado esotérico de ter sido Brasília fundada precisamente no dia 21 de Abril de 1960 ($21+4+1960 = 3+4+16=23$) Primeiro Arcano Menor relacionado com o atual 23º Presidente da República. E a data que coincide com a da fundação da Roma – Cidade Eterna – no dia 21 de Abril do ano 753 a.C., como a querer demonstrar que a nova capital brasileira também se eternizará para a concretização de seus altos desígnios (REVISTA DHÂRANÃ, 1960, p. 02).

A interiorização da capital brasileira atendeu ao propósito de configurar Brasília como foco de uma evolução da humanidade. Vários grupos, além da Eubiose, demonstraram seu ideal ao se estabelecer na região, colocando em prática várias ações no sentido de contribuir para esta transformação imperiosa que deve começar

conhecida pelos seus estudos e seus dons sobrenaturais, sendo lá que a médium conheceu Henry Olcott, e juntos fundaram a Sociedade mencionada. O sucesso de Blavatsky se deve ao seu contexto histórico marcado pelo descrédito do cristianismo frente ao avanço científico. Ela agregou estudos científicos, filosóficos e esotéricos, e isso a fez se diferenciar dos demais médiuns de seu tempo.

primeiramente por Brasília. Este é o objetivo destes grupos que estão até o presente momento instalados na região desde a primeira década da existência de Brasília, e que apesar de todos os problemas enfrentados nas questões políticas, econômicas e sociais, acreditam que essa é uma fase passageira e até mesmo necessária para se alcançar patamares maiores. Podemos presenciar isto quando realizamos pesquisas de campo, participando como ouvinte em palestras e desenvolvendo conversas a respeito com adeptos.

A Eubiose promove vários momentos culturais e filosóficos no sentido de mobilizar não apenas seus adeptos, mas a qualquer pessoa que esteja interessada no assunto, alimentando e divulgando as discussões sobre a consciência do seu papel na capital federal. A sua busca espiritual, além de ser praticada para benefício interior, parte para um projeto maior, de transformar toda uma nação.

Adrião (2017) acredita que as intenções dos arquitetos de Brasília não eram espiritualistas, mas que a espiritualidade acabou inspirando a concepção urbanística da cidade. O mito e o místico se convergem em função da política e da ideologia utópica. Ambos não anulariam a modernidade, seriam até mesmo aplicados como artifícios para ela acontecer, ou para corroborá-la. Então não estamos falando da negação da modernidade, visto que a mesma permaneceu na estética da nova capital, marcada pelo momento em que vislumbramos a permanência do sagrado na contemporaneidade.

Quando começamos a analisar a arquitetura de Brasília, verificamos que depois do Catetinho, os primeiros edifícios construídos em Brasília eram religiosos: a Loja²⁹ Maçônica Estrela de Brasília (1956), a Ermida Dom Bosco (1957), a Primeira Igreja Batista (1957) e a Igrejinha de Fátima (1958). Ainda no ano de 1956 chegaram os espíritas, que construíram o Centro Espírita Sebastião, e o mestre Yokaanam e seus seguidores que fundaram a Cidade Eclética (Vasconcelos, 2007, p. 71).

²⁹ De acordo Luz (1986, p. 43) as lojas e grupos de estudos se diferenciam, visto que a primeira possui “uma hierarquia administrativa, seus membros fazem parte da Sociedade e têm direito a voto no Conselho Nacional (o que preside todas as lojas no país) e na escolha do Presidente Mundial da organização. Os Grupos de Estudo recebem orientação permanente da organização; seus membros, no entanto, só se tornam integrantes da Sociedade e adquirem os mesmos privilégios dos outros, quando o grupo tem dois anos de atividades, comprovadas”.

Até o Catetinho para JK simbolizava a mística de Brasília, relatando em uma de suas autobiografias que o Catetinho seria o símbolo do milagre. Foi a chama inspiradora que expandiu todo o otimismo entre os construtores de Brasília. Um grupo de amigos ergueu esse prédio de madeira em dez dias, como um presente-surpresa, em um momento em que não haviam estruturas necessárias para edificações, pois era o primeiro a ser erguido em solo planaltino. Então ele acredita que essa força que levou estes homens a erguer esse edifício seria a mesma que ele como presidente da república iria empregar no país e em sua nova capital. JK (2000) relata que:

A mística do Catetinho foi, pois, precursora — dada a emulação que provocou - da mística de Brasília, consubstanciada em pioneirismo, em espírito de criação e na determinação de enfrentar e vencer o que parecia impossível. E a mística de Brasília, por sua vez, contagiando o País inteiro, realizou o milagre da construção de uma metrópole revolucionária, em três anos e dez meses (p. 60 - 61).

No caso da Igrejinha de Fátima (1958) (Figura 3) a iniciativa foi da esposa de JK, Sarah Kubitschek, como uma gratidão pela graça recebida por sua filha Márcia que estivera doente. Inclusive, Vasconcelos (1989, p 155) conta que Sarah Kubitschek foi à Cova da Ira (Portugal), realizando preces à Virgem das aparições, recebendo a benção. Oscar Niemeyer foi o responsável pelo projeto da Igreja, na qual cultivou a sua estética moderna, empregando também o formato³⁰ de um chapéu de freira. Na fala de Kubitschek. “Impunha-se como um marco de fé. Era um oásis de recolhimento, encravado no tumulto da cidade que brotava do chão” (KUBITSCHKEK, 2000, p. 123). Aquele centro seria o irradiador da vida cristã no Planalto Central brasileiro, tendo recebido a benção apostólica do Papa Pio XII através de Dom Armando Lombardi, embaixador do Vaticano no Brasil, que disse para a senhora Sara Kubitschek: “Na certeza de que a Igreja Nossa Senhora de Fátima, de Brasília, será o centro irradiador de intensa vida cristã, concedemos a Vossa Excelência e demais pessoas presentes nossa benção apostólica” (SILVA, 1971, p. 154).

³⁰ “Na igreja a cobertura é triangular com três pontos de apoio. A cobertura em concreto armado do edifício possui a forma de um triângulo abaulado no centro, com desenho que lembra a cobertura utilizada por Le Corbusier em Ronchamp” (SCOTTÁ, 2010, p. 74).

Figura 3 - Igrejinha de Fátima (1958)



Fonte: Portugal Digital (2018).

Disponível em: <https://portugaldigital.com.br/projetada-por-niemeyer-igrejinha-de-fatima-em-brasilia-comemora-60-anos/>

BRASÍLIA x GOIÂNIA

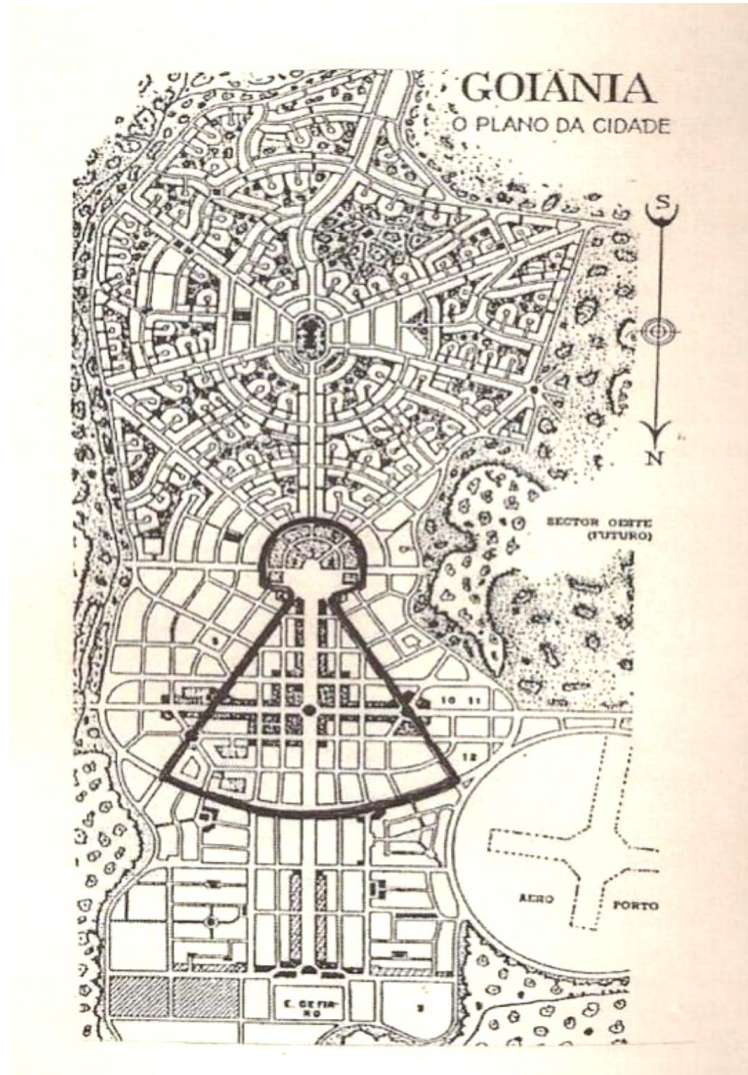
Os mudancistas goianos promoveram o “Batismo Cultural” de Goiânia em 05 de julho de 1942, colocando no programa de eventos da inauguração da cidade a celebração de duas missas, mostrando o quanto a igreja se fez presente ao lado do Estado. Brasília por sua vez teve como data primordial dentro das solenidades de sua inauguração o que Adirson Vasconcelos (2007) chamou de “Batismo Espiritual” ocorrido em 03 de maio 1957, a sua primeira missa.

Francisco Itami Campos (2002) analisa que Pedro Ludovico mobilizou forças para combater as oligarquias, entendendo a mudança da capital como uma melhor estratégia para se impor como o líder político de Goiás, tendo para isso, se cercado do apoio da igreja, do arcebispo de Goiás Dom Emanuel e outras personalidades influentes. Esse apoio religioso iria legitimar o projeto da nova capital goiana.

A presença da Igreja Católica no conjunto de rituais que inauguraram a nova capital do Estado goiano surge, dessa forma, como o momento propício para a consolidação da restauração católica em Goiás [...] Mais uma vez, a assertiva da cidade abençoada pela graça de Deus, ressurgiu no discurso dos que se fizeram presente no evento. Isso demonstra, que embora o batismo cultural seja um evento de caráter predominantemente laico, ocorre durante os festejos populares e cerimônias oficiais, uma intensa recorrência ao elemento “sagrado”, como forma, talvez, de busca por afirmação e legitimidade religiosa às inúmeras festividades (ARAÚJO JÚNIOR, 2011, p. 112).

O historiador Edson D. de A. Júnior (2011) em sua dissertação intitulada *Tradição, modernidade e as bênçãos da igreja católica na construção de Goiânia, 1932-1942* nos mostra um outro lado da fundação de Goiânia, a religiosidade, que muito nos lembrou de nosso objeto de pesquisa. Apesar dos objetivos dos seus idealizadores em seus ditames modernos, Goiânia passou por um processo gradativo de desconstrução da identidade de seu projeto original. O autor nos mostra que pulularam representações simbólicas presentes no imaginário goianiense que associaram o traçado urbanístico do município à imagem de Nossa Senhora Aparecida (Figura 4 – Imagem de Nossa Senhora Aparecida no traçado urbanístico de Goiânia), como uma forma de ressignificação de seus espaços. O fato foi até mesmo explorado por Bariani Ortêncio.

Figura 4 – Imagem de Nossa Senhora Aparecida no traçado urbanístico de Goiânia



Fonte: (MELLO *apud* ARAÚJO JÚNIOR, 2011, p. 65).

A imagem nos mostra que a cabeça da santa está circunscrevendo o centro administrativo, estando no núcleo central da cidade, mostrando que os poderes político e religioso se permutam nas projeções simbólicas sobre Goiânia. Desta forma, para Edson Araújo Júnior, através de suas bases na pesquisa de Márcia Metran de Mello (2006) intitulada: *Goiânia: cidade de pedras e palavras*, a projeção da figura de Nossa Senhora Aparecida no traçado urbanístico de Goiânia não se apagou com o passar do tempo, pois permaneceu nas suas representações nas décadas posteriores, estando presente simbolicamente no imaginário das novas gerações. Ele permanece vivo e

discutido nos meios populares e acadêmicos. Muitos questionam se no projeto de Atílio Correa Lima existia esse propósito, se houve uma intencionalidade por parte do urbanista ou o que permitiu que essas representações emergissem e se sustentassem por tanto tempo? A respeito destes questionamentos, Araújo Júnior nos mostra que de fato não houve essa intencionalidade do urbanista e que as igrejas não constituíam o interesse do plano diretor de Goiânia. Inclusive, o próprio Pedro Ludovico rejeitava esta crendice. Ele se considerava muito positivista e racional.

Os espaços religiosos foram relegados a segundo plano. Mas o que o imaginário popular nos traz é que a santa abençoa a cidade, mesmo que invisivelmente. Essas representações sacralizadas de Goiânia remetem, na opinião do autor, à forte tradição católica que remonta a períodos anteriores a sua construção.

Várias pesquisas debateram a respeito da estratégia política de Pedro Ludovico em manter aliança com a igreja católica, como podemos exemplificar o estudo do historiador Araújo Júnior (2011). O historiador afirma que a dominação apenas passou por um processo de deslocamento do poder de um polo para outro, não havendo rupturas expressivas. Para que esse projeto fosse de sucesso, seria necessário mobilizar as forças mais influentes do Estado, como a igreja católica.

Araújo Júnior (2011) afirma que também teria existido uma “visão profética” sobre a fundação de Goiânia, assim como houve em Brasília, por parte do bispo Dom Eduardo Duarte da Silva³¹, que teria previsto uma futura capital goiana quando viajou e percorreu o povoado de Campinas no final do século XIX. Para o autor, o poder simbólico da igreja católica foi utilizado como instrumento de legitimação política. A missa celebrada em 05 de julho de 1942 foi considerada um dos momentos primordiais da inauguração da cidade.

Araújo Júnior (2011, p. 69-72) também nos mostra que a presença da igreja católica foi muito forte em Campinas, pela atuação dos padres redentoristas e das irmãs

³¹ “Destaca-se, ainda, que coube a D. Eduardo a incumbência de ter promovido a vinda dos padres redentoristas alemães para Goiás. Estes se estabeleceram em Campinas em 1894, onde se destacaram, sobretudo, no segmento educacional dessa região. Além disso, prestaram relevantes serviços na administração da Basílica de Trindade e na condução da Romaria do Divino Pai Eterno” (ARAÚJO JÚNIOR, 2011, p. 68).

franciscanas, contribuindo para a preservação das tradições católicas após a fundação da cidade. As tradições religiosas foram importantes no processo de consolidação da nova capital goiana, à medida que permitiram a superação dos receios e as incertezas de um projeto tão ousado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exemplo de Goiânia foi ilustrativo para o caso em questão, pois nos mostra como as bases da modernidade pareceram estar presentes em ambas as capitais, porém, não deixaram de ofuscar as aspirações religiosas presentes em seus contextos. Brasília apesar de também não ter claros os simbolismos religiosos em seu traçado urbano original, se diferenciou de Goiânia por ter em seu projeto a atribuição de maior importância à igreja, já que uma catedral foi inserida no complexo da administração central, diferente de Goiânia. No plano original de Goiânia, a catedral ficaria na atual Praça do Cruzeiro, mas nunca foi construída no local.

Mas o projeto de Brasília extrapolou a religiosidade cristã, já que sua catedral possuía o objetivo de comungar todas as religiões, tornando-se o símbolo do ecumenismo local. Goiânia por sua vez, manteve-se, de certa forma, presa em suas tradições, diferente de Brasília que começou a se esquivar desses elementos, possibilitando que crenças de diversas naturezas se atraíssem e atribuíssem novas representações.

A década de 60 foi decisiva pelas transformações que possibilitaram o surgimento de características que aproximavam a capital goiana de uma metrópole, principalmente após a inauguração de Brasília que desencadeou uma epidemia de otimismo. Brasília e Goiânia começaram a ser vistas como cidades irmãs, que possuíam a mesma missão de trazer o progresso e a modernidade para o Estado de Goiás (ULHOA, 2011).

Os novos tempos em Goiás, assim possibilitados pela construção de Brasília, marcaram o crescimento de uma elite consolidada pelo seu carisma, assim construído a

partir dos seus discursos de predestinação divina, bem como, dos mitos dos heróis nacionais. Essa postura veio confrontar a politicagem coronelista de forma mais significativa. “O discurso historiográfico tem derogado clássicas alusões ao coronelismo como algo preso exclusivamente à tradição, e, por isso, paradigma de um passado cabalmente superado pelas conformações sociais permitidas pela onda modernizante” (MAGALHÃES, 2010, p. 138). Dessa forma, percebemos algumas mudanças no campo do domínio político regional, no qual entraram em cena novos atores, que travaram uma batalha contra tudo aquilo considerado arcaico.

JK e seus companheiros cercaram-se de personalidades influentes a nível nacional e internacional, como John F. Kennedy, além dos representantes religiosos das mais variadas filosofias, como a Maçonaria, o Espiritismo, dentre outros, não restringindo-se aos líderes católicos, como ocorreu em Goiânia.

Goiânia se apoiou na influência da Igreja Católica no Estado a partir de seus primeiros passos. Concomitantemente, era necessária a manutenção de uma ordem social, reprimindo aqueles que ameaçavam a sua hegemonia. Brasília foi diferente nesse sentido, pois tornou-se um centro cosmopolita devido às condições históricas dadas no momento de sua construção e inauguração. Condições essas, advindas do contexto internacional das décadas de cinquenta e sessenta, em que efervesciam reivindicações sociais por questões como o feminismo, a contracultura e o ambientalismo.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, Vitor Manuel. **Brasília e o Brasil Futuro (Alvorada da Nova Era): Lusophia**, Abr. 2017. Disponível em: <https://lusophia.wordpress.com/2017/04/04/brasilia-e-o-brasil-futuro-alvorada-da-nova-era-por-vitor-manuel-adriao/>. Acesso em 11 de março de 2019.

ARAÚJO JÚNIOR, Edson Domingues de. **Tradição, modernidade e as bênçãos da Igreja Católica na construção de Goiânia, 1932-1942**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

BLAVATSKY, Helena Petrovna. **A Doutrina Secreta: Síntese de ciência, filosofia e religião**. VOL III Antropogênese. Tradução de Raymundo Mendes Sobral. São Paulo: Ed. Pensamento: Sociedade Teosófica no Brasil, 1973.

CAMPOS, Francisco Itami. **Mudança da Capital: uma estratégia de poder**. In: BOTELHO, Tacísio Rodrigues (Org.). *Goiânia: Cidade pensada*. Goiânia: UFG, 2002. p. 169 – 184.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. **Goiânia: a capital do sertão**. In: OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de & SILVA, Ademir Luiz da. *Goiânia em mosaico: visões sobre a capital do cerrado*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015. p. 11 – 25.

CORREIO DA MANHÃ. **Primeira Missa. Cardeal de São Paulo batiza Brasília**. N. 19.663. Ano LVI. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1957. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_06&pagfis=75917&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

HAGIHARA, Márcio. **Brasília e a invenção da arquitetura – arte: transformações estéticas na noção espacial da obra de arte**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

KUBITSCHKE, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. [Coleção Brasil 500 anos].

LUZ, Dioclécio. **Roteiro Mágico de Brasília**. Ilustração de Antônio José. Brasília: CODEPLAN, 1986.

MAGALHÃES, Luiz Ricardo. **Sertão Planaltino: cultura, religiosidade e política no cadinho da modernização (1950 – 1964)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

MELLO, Márcia Metran de. **Goiânia: cidade de pedras e palavras**. Goiânia: UFG, 2006.

REVISTA DHÂRANÂ. **Brasília: A capital da Era de Aquários**. nº 13 e 14, Ano XXXV. Janeiro a Junho de 1960. Disponível em: <https://comunidadeurgicaportuguesa.files.wordpress.com/2012/10/13-e-14-janeiro-a-junho-19601.pdf>. Acesso em 08 de dezembro de 2018.

SCOTTÁ, Luciane. **Arquitetura religiosa de Oscar Niemeyer em Brasília**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SILVA, Ernesto. *História de Brasília. Rev. Pedro Rabelo Mendes*. Brasília: Editora de Brasília, Ltda., 1971.

ULHOA, Clarissa Adjuto. *“Essa terra aqui é de Oxum, Xangô e Oxóssi”: Um estudo sobre o candomblé na cidade de Goiânia*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

VASCONCELOS, Adirson. *A epopeia da construção de Brasília*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1989.

VASCONCELOS, Adirson. *Brasil, Capital Brasília: A História de Brasília, Ontem, Hoje e Amanhã*. Brasília: Thesaurus Editora, 2007.

